

HUMOR GRÁFICO E O DISCURSO SUBVERSIVO NO PERIÓDICO ALTERNATIVO *LAMPIÃO DA ESQUINA*.

Márcio Alessandro Neman do Nascimento¹

Thiago Cardassi Sanches²

O *Lampião da Esquina* foi um jornal de caráter político que circulou entre os anos de 1978 e 1981 em meio aos conflitos e censuras da ditadura militar brasileira. O periódico surgiu a partir das primeiras experiências de organização de um movimento homossexual no país, e suas matérias promoviam discussões em torno do momento político brasileiro e dos abusos cometidos contra as minorias sociais. Ao longo de suas edições o humor gráfico foi empregado como ferramenta discursiva, e o objetivo deste trabalho foi analisar se os temas abordados nestes exemplos corroboravam com o posicionamento de enfrentamento e resistência do periódico, ou cumpriam outro papel como entretenimento. Entendendo humor gráfico como texto visual e, portanto discurso, a metodologia utilizada foi a Análise de Discurso, a qual possibilitou um estudo dos elementos verbais e não-verbais destas imagens. Como resultado, foi possível verificar que as modalidades iconográficas dominantes eram o cartum e a charge, que dialogavam com as reportagens, construindo uma relação intertextual entre os temas frequentemente abordados no jornal: as interdições e atitudes opressivas advindos do governo ditatorial, da grande imprensa, de grupos conservadores, e de qualquer manifestação de violência exercida sobre as minorias estigmatizadas.

Palavras-chave: Lampião da Esquina, Imprensa alternativa, Humor gráfico,

ABSTRACT: *Lampião da Esquina* was a political newspaper that circulated between the years 1978 and 1981 among the conflicts and censures from the Brazilian military dictatorship. The journal grew out of the first experiences of organizing a homosexual movement in the country, and their reports promoted discussions on the Brazilian political context and about the abuses committed against the social minority. Throughout its editions graphic humor was used as a discursive tool, so the object of this study was to examine whether the topics covered in these examples corroborate with the positioning of confrontation and resistance from the journal, or fulfilled a different role such as entertainment. Understanding graphic humor as a visual text, therefore as discourse, the methodology employed was Discourse Analysis, which enabled a study of the verbal and non-

¹ Psicólogo e professor universitário. Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus de Assis - São Paulo. Integrante do GEPS (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades), vinculado ao CNPq. Email: marcioneman@gmail.com

² Mestrando em Comunicação visual pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Comunicação Popular e Comunitária (UEL). Bacharel em Turismo pela Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana (FECEA). Email: thiagocardassi@yahoo.com.br

verbal elements of these images. As result, we found that the dominant iconographic categories were cartoons and charges, which dialogued with the reports, building an intertextual relationship between the topics often discussed in the paper: the prohibitions and oppressive attitudes arising from dictatorial government, mainstream media, conservative groups, and from any manifestation of violence against stigmatized minorities.

Keywords: Lampião da Esquina, Alternative media, Graphic humor.

1 Introdução

Este trabalho foi gerado como um desdobramento de um estudo anterior sobre o jornal alternativo *Lampião da Esquina*. Após uma análise dos textos verbais, percebemos que as imagens contidas no periódico reforçavam com muita intensidade a sua proposta discursiva e que, portanto, para tentar compreender melhor a ideologia suscitada em suas páginas, era de fundamental importância olhar também para o conteúdo imagético impresso.

Por muito tempo, as imagens foram relegadas a uma função meramente ilustrativa e consideradas como fontes históricas de pouca confiabilidade em razão do aspecto polissêmico da imagem. Em contraposição, os textos eram considerados fontes mais objetivas e precisas sobre um dado momento histórico. Atualmente, este paradigma é altamente questionável, e percebemos que as imagens emergem não apenas como suporte para as análises, como também como material histórico de riquíssima valoração. Justamente em razão da sua polivalência de significados, ela permite recuperar diversas informações que muitas vezes um texto verbal não dá conta de exprimir.

Partindo destas observações, e pretendendo ampliar a análise anterior feita sobre o *Lampião da Esquina*, queremos mostrar com este trabalho que as imagens contidas no periódico contribuíram de maneira expressiva no reforço de seu conteúdo político e subversivo.

Essa decisão encontra respaldo na consideração de que o humor gráfico é uma manifestação comunicativa de poderosa contestação da realidade e crítica social. Além disso, a sua compreensão requer do leitor o conhecimento de um conjunto expressivo de fatos culturais e políticos, o que faz com que se estabeleça um diálogo entre o repertório do leitor e o do ilustrador, o que nos parece uma experiência muito mais enriquecedora do que a mera contemplação visual.

Dentro de todas as imagens contidas no material analisado, optamos pela eleição das charges e cartuns como recorte a ser estudado, pois embora o jornal apresentasse todas as modalidades de humor gráfico durante os seus três anos de circulação, era sobretudo nas charges e cartuns onde se verificava a concentração de suas críticas políticas e ideológicas (o que não significa que as outras ocorrências não fossem políticas).

Como metodologia de análise optamos pela Análise do Discurso, entendendo aqui discurso como o lugar de elaboração e difusão da ideologia. Neste sentido, tanto texto verbais quanto textos não-verbais são considerados produtores e disseminadores de discursos. Através deste método é possível problematizar quais enunciados um determinado texto é capaz de transmitir e de que forma os elementos contidos nele se articulam para conferir o significado almejado.

O objetivo deste trabalho é, portanto, mostrar que o conteúdo das charges e cartuns do *Lampião da Esquina* refletia a ideologia do periódico, que utilizou-se destes recursos de humor gráfico para ampliar seu poder de subversão da normatividade e politização de seu público-alvo.

2 O *Lampião da Esquina* e o discurso subversivo das minorias

No final da década de 70, em meio aos conflitos e censuras da ditadura militar brasileira, surge o *Lampião da Esquina*, periódico bastante singular dentro do panorama da imprensa alternativa. O *Lampião* foi um jornal de caráter político que circulou entre os anos de 1978 a 1981 e surgiu a partir das primeiras experiências de organização do movimento homossexual no país.

O periódico trazia uma proposta bastante ousada. Não era apenas um tabloide de reportagens, ou um almanaque de curiosidades e fofocas sobre o mundo *gay*. O jornal destacava-se em razão de sua abordagem consciente dos problemas enfrentados pelos homossexuais e outras minorias brasileiras em diferentes conjunturas de seu cotidiano. Opositor ao regime ditatorial, aos moralismos cristãos e à indiferença da esquerda perante as urgências das populações marginalizadas, o jornal buscava, apesar da violenta discriminação, mostrar que os homossexuais deveriam orgulhar-se de sua condição e que o bem-estar social não era um objetivo impossível.

Sua proposta era “sair do gueto” e levar consigo outras minorias oprimidas. As reportagens giravam principalmente em torno do movimento homossexual¹, mas dialogavam frequentemente com o universo feminista, movimento negro, transexuais, indígenas, prisioneiros do regime, ecologia, travestis, garotos e garotas de programa entre outros temas marginais.

Estes assuntos não possuíam destaque na grande mídia, e quando explorados era com ares de sensacionalismo e reprovação. Portanto, o “Lampião” ampliava os espaços de articulação destes movimentos, além de incentivar os homossexuais a serem solidários com outras causas além de sua própria, no entendimento de que todas as lutas são uma só: contra a hegemonia de valores e a supremacia do homem branco, burguês, machista, heterossexual.

Todos os temas tratados em suas pautas eram aqueles considerados "secundários" pela grande mídia – tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecológica, machismo – e a linguagem empregada era comumente a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual. Em suas páginas começaram a ser empregadas palavras proibidas ao vocabulário bem-pensante (como *viado* e *bicha*), de modo que seu discurso gozava de uma saudável independência e equidistância frente aos demais periódicos. Tratava-se de um jornal que desobedecia em várias direções (TREVISAN, 2007, p.339).

O jornal no formato tabloide, característico da imprensa alternativa da época, contava com edições de dezesseis à vinte paginas e tiragem mensal. Continha além de reportagens, ensaios e entrevistas especiais, páginas regulares de opinião, noticiário geral, cobertura de artes e espetáculos, seção de cartas e espaço reservado a publicação de poemas e contos. Devido a boa receptividade a tiragem passou de dez mil exemplares para 15 mil posteriormente, e sua distribuição ampliada, além do Rio de Janeiro e São Paulo, para outras grandes cidades do país (FACCHINI & SIMOES, 2009, p.83-84).

O *Lampião* possuía uma orientação militante e política no sentido de uma imprensa libertária. Com um conteúdo bastante contestador, criticava tanto os setores conservadores de direita como a esquerda revolucionária na intenção de levar seus leitores à reflexão e à tomada de um posicionamento afirmativo de sua sexualidade a despeito da coerção moral, política e religiosa imposta pela sociedade.

Na condição de veículo midiático alternativo, o jornal atuava como um denunciador dos mecanismos jornalísticos de distorção da realidade empregados pelos grandes distribuidores de informação, expondo como a mídia e os discursos hegemônicos,

impregnados de racismo, machismo e heterossexismo operavam a fim da manutenção de determinados poderes.

Estas problematizações podem ser observadas tanto no texto verbal do *Lampião* quanto em suas imagens. Este trabalho está direcionado para a análise do conteúdo visual, em específico o humor gráfico expresso em suas páginas.

3 Humor gráfico como estratégia de denúncia e enfrentamento político

Por humor gráfico, entendemos uma categoria geral de construções iconográficas que apresentam em comum o elemento do humor. O *Lampião da Esquina* dedicou vários espaços à representações gráficas de humor. Embora não fosse uma constante, é perceptível que utilização desta ferramenta se tornou cada vez mais recorrente com o passar dos números publicados.

No entanto, humor gráfico é uma categoria demasiadamente ampla, pois envolve diversos subgêneros de linguagens iconográficas, dentre os quais: as charges, cartuns, caricaturas, e histórias em quadrinhos (MIANI, 2012, p.39; RIANI, 2002, p.20). Todos estes gêneros pertencem ao humor gráfico, mas nem todos são objeto de estudo deste trabalho. Por isso, limitaremos as análises em torno da charge e dos cartuns presentes no jornal.

Embora as categorias charge e cartum costumem ser confundidas e utilizadas de forma aleatória, existem peculiaridades que as diferenciam: Para Edson Romualdo (2000, p.21), a charge é um texto visual humorístico na qual o autor tece uma crítica a um determinado fato, personagem ou acontecimento político. Em razão desta especificidade, a charge está limitada à uma dada temporalidade onde estes fatos ou personagens se contextualizam, e para compreendê-la faz-se necessário recorrer a esse repertório de informações.

Na charge de número 1 não é possível compreender o assunto de que ela trata se não conhecemos o contexto em que ela foi publicada. Para recuperar seu sentido, precisamos dar essa informação ao leitor, e isso pode ser buscado através do processo de intertextualidade. De acordo com José Luiz Fiorin (1994, p.30), a intertextualidade ocorre quando um texto é incorporado por outros textos, seja para reproduzir um sentido convergente, seja para transformá-lo.

Neste caso, o intertexto vem explícito na mesma página na matéria intitulada "Quem salvará nossas crianças?" assinada pelo escritor e atualmente novelista Aguinaldo Silva. O texto de caráter informativo-opinativo relata ao leitor que o Sr. Carlos de Melo, então Curador de Menores, insistia no recolhimento e apreensão de revistas consideradas pornográficas ou imorais com a justificativa de estar protegendo as crianças. É preciso lembrar que as bancas que vendiam tais revistas, e principalmente periódicos alternativos da imprensa nanicaⁱⁱ, vinham sofrendo grande pressão por meio de ameaças, e atentados incendiários. O argumento por trás do recolhimento das revistas era que "o acesso às revistas eróticas leva as crianças à masturbação; a masturbação leva aos tóxicos e estes conduzem ao comunismo" (SILVA, 1980b). Para Aguinaldo Silva, parecia incoerente tantas crianças em situação de miserabilidade nas ruas, mendigando, corrompidas pela subnutrição, sendo torturadas e executadas em praças públicas, enquanto o Curador de menores afirmava estar protegendo as crianças do perigo da masturbação.



Charge 1 - *Lampião da Esquina*, out. 1980. n.29, p.3.

Para Rozinaldo Miani (2012, p.40), outra característica da charge é sua qualidade intrínseca de se constituir como uma ferramenta persuasiva, uma vez que os discursos presentes nela interferem no processo de definições políticas e ideológicas do leitor, o que acaba por despertar um sentimento de adesão e mobilização em torno do questionamento suscitado.

A charge de número 2 acompanha a reportagem publicada na mesma página intitulada "O Governo diz que não. Mas vem aí a prisão cautelar", assinada também por Aguinaldo

Silva. No texto, o autor recupera informações da Revista *Isto É*, que relatam a formação de uma comissão de onze juristas responsáveis pela "tarefa de reestudar por inteiro o problema da criminalidade urbana e dos meios de garantir a defesa da sociedade". De acordo com o texto da *Isto É*, uma das sugestões propostas por essa comissão foi a implementação da prisão cautelar, que autorizaria a apreensão de pessoas diante da mera suspeita de crime. Esta medida é proposta em um momento em que uma campanha nacional é orquestrada para provar ao cidadão de bem que os níveis de criminalidade atingiram um índice tão expressivo, que apenas uma medida energética e repressiva por parte do Governo poderia colocá-los em segurança. Para Aguinaldo Silva, ao se tornar uma realidade, a prisão cautelar colocaria em risco todos aqueles que por algum estigma, seja raça, credo, ou preferência sexual já são habitualmente considerados elementos suspeitos, sujeitos que antes mesmo da prisão cautelar ser legalizada, já lotam os porões das delegacias policiais (SILVA, 1980a).



Charge 2 - *Lampião da Esquina*, out. 1980. n.21, p.8.

Corroborando do raciocínio de Miani (2012), podemos pensar esta charge como um texto bastante persuasivo que tenta demonstrar aos leitores a incoerência desta medida tomada pelo Governo: um discurso que legitima o combate à violência por meio da própria violência. A ideologia presente na charge e as disputas de significado do que é violência para o Governo e para o cidadão pode levar o leitor a repensar seu posicionamento em relação ao assunto ou reafirmá-lo de forma mais veemente. De qualquer forma, em ambos os casos o leitor é conduzido a pensar sobre, e se posicionar diante do questionamento da charge.

Ainda na charge número 2, fica evidente a intertextualidade presente entre diversos textos como: a própria charge, o texto do reportagem, o texto da revista *isto É*, as declarações da comissão formada, do Ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel, do ex-ministro Petrônio Portela, uma reportagem do programa Fantástico da Rede Globo, entre outros tantos discursos que perfazem a reportagem.

Podemos afirmar, portanto, que existe neste exemplo um grande número de vozes que se manifestam. Quando uma multiplicidade de vozes se manifesta de forma visível no interior do discurso dizemos que se trata de um caso de *polifonia* (BARROS, 1994, p.5). No texto polifônico, é possível identificar diversas vozes que formam o discurso, ou seja, é possível reconhecer as muitas tensões e convergências entre os textos que se relacionam. Mas além disso, nesta reportagem e na charge, essas vozes não apenas aparecem, como também se entrelaçam para formar o discurso. Desta forma, constatamos que o discurso nunca é autônomo, ele é sempre suportado por uma contínua interdiscursividade e carrega consigo uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e distintas que se entrecruzam e interferem. A esta relação Mikhail Bakhtin chama *dialogismo*, entendido como

[...] o princípio constitutivo de toda a linguagem e a condição através da qual se atribui sentido a um discurso. O dialogismo está presente na interação verbal que se dá entre o enunciador e o enunciatário e no interior de um texto quando ele dialoga e se define a partir da relação com outros textos da cultura de forma contratual ou conflitante (BARROS, 1994, p.2-5).

É possível identificar nas duas charges anteriores vozes que assimilam discursos e que ao mesmo tempo se contrapõem. Na charge 1 temos uma das crianças questionando o recolhimento das revistas eróticas, como quem não vê a necessidade deste ato. Do outro lado temos outra criança que assimila o discurso do Curador de Menores, explicando que é para proteger a inocência deles. Na segunda charge temos um grupo de policiais perseguindo a sociedade civil e ameaçando as pessoas através da violência. Então surge um cidadão,

assimilando o discurso conservador, que se admira em razão da polícia já estar acabando com a violência.

É muito importante salientar que nas duas charges os discursos proferidos por último são ambivalentes e desejam expressar uma determinada posição explicitando exatamente o seu contrário. São, portanto, paródias. Segundo Romualdo (2000, p.75), na paródia as vozes se colocam de forma antagônica, desestabilizando o sentido original do texto, são dois pontos de vista discordantes que se encontram dentro de um mesmo discurso. Na paródia,

[...] o autor fala a linguagem do outro, porém, diferentemente da estilização, reveste essa linguagem de orientação semântica diametralmente oposta a orientação do outro. A segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta entre duas vozes. Por isso é impossível a fusão de vozes na paródia [...] (BAKHTIN, 1981, p.168).

Por esta razão, a linguagem parodística funciona como um espelho deformante que refrata a imagem original. Isto reforça o caráter carnavalesco da paródia. Para Bakhtin, o carnaval é um espetáculo sem divisão entre atores e espectadores. Todos são participantes ativos na vida carnavalesca, uma vida desviada da ordem habitual, um *mundo às avessas*. Durante o carnaval revogam-se todas as leis e proibições, derrubam-se as barreiras hierárquicas e ocorre o *livre contato familiar entre os homens*. Esta queda de barreiras é responsável por instaurar uma nova ordem (ainda que temporária) de *excentricidades*, de relações entre os homens, que permitem revelar aspectos ocultos da natureza humana, ou seja, palavras, gestos, ou atitudes que não seriam possíveis de serem expressas no cotidiano não-carnavalesco. A livre relação familiar ainda admite que aproximações improváveis (*mésalliances*) se tornem possíveis, combinando elementos diametralmente opostos como o sagrado e o profano, o alto com o baixo, o sábio e o tolo, rico e pobre. Estas combinações levam à última categoria carnavalesca, que é a *profanação*. A profanação emerge a partir dos "sacrilégios carnavalescos, por todo um sistema de descidas e aterrissagens carnavalescas, pelas indecências carnavalescas, relacionadas com a força produtora da terra e do corpo, e pelas paródias carnavalescas dos textos sagrados" (BAKHTIN, 1981, p.105-106).

Romualdo (2000, p.50) emprega as quatro categorias carnavalescas para analisar charges, pois afirma que todas elas manifestam-se neste tipo de linguagem. Por concordarmos que essa tradução semiótica do conceito de carnaval bakhtiano parece uma ferramenta muito interessante para o estudo do humor gráfico, vamos empregá-lo em um texto visual do

Lampião para ilustrar como a carnavalização se manifesta. O cartum de número 1, publicado na edição 35, é um exemplo evidente de como estas categorias se operam.

Os cartuns diferem-se das charges porque falam de temas mais gerais e tratam de personagens desconhecidos. Estes personagens refletem características genéricas do humano e por isso podemos dizer que o cartum trata da crítica aos costumes e comportamentos que se perdem dentro de uma temporalidade mais ampla, ou seja, não datada (ROMUALDO 2000, p.21). Camilo Riani (2002, p.34) enfatiza que o cartum não necessita ter um relação com fatos reais ocorridos ou com personalidades públicas. O seu objetivo é tecer uma crítica das manifestações do cotidiano que se repetem ao longo do tempo, satirizando comportamentos em sociedade.

Preferimos chamar este texto de cartum por convencionalidade, porque acreditamos que a partir das conceituações feitas anteriormente, este exemplo de humor gráfico se enquadra melhor dentro das características do cartum. Embora não fosse inadequado reivindicar para ele o título de charge, uma vez que este desenho dialoga intertextualmente com três páginas inteiras do mesmo exemplar, e ilustra uma situação que está inserida dentro de uma certa temporalidade (difícilmente este desenho seria publicado fora do carnaval, pois não haveria contexto para entendê-lo).



Cartum 1 - *Lampião da Esquina*, abr. 1981. n.35, p.17.

Embora, neste exemplo, as características de cartum e charge se aproximem, ainda preferimos chamá-lo por cartum, e o escolhemos para falar de carnavalização por nos parecer a forma mais didática e sucinta para discorrer no pouco espaço de um artigo. Talvez um tanto óbvio, em razão do tema do cartum ser o próprio carnaval, mas por isso mesmo, um exemplo bastante esclarecedor.

No cartum "Ecos do carnaval", observamos aqui uma prática bastante comum no carnaval de rua no Brasil, as pessoas irem para o desfile vestindo roupas convencionadas como do gênero oposto. Para Bakhtin, todas as imagens carnavalescas são de natureza ambivalente, biunívocas, e englobam os dois campos da mudança e da crise, são polarizadas: nascimento-morte, benção-maldição, juventude-velhice, tolice-sabedoria, face-nádegas, e aqui temos um exemplo dos binários masculino-feminino e heterossexual-homossexual. "Trata-se de uma manifestação específica da categoria carnavalesca de *excentricidade*, da violação do que é comum e geralmente aceito; e a vida deslocada do seu curso habitual" (BAKHTIN, 1981, p.108).

Nesta imagem não temos apenas a inversão das convenções de gênero, mas também da sexualidade. No cartum, a esposa (vestida como homem) e acompanhada com uma amante, depara-se com seu marido (vestido como mulher) também acompanhado com um amante. Fica, portanto, bastante evidente não somente a polarização como também a inversão do mundo. Neste cartum, podemos entender as dicotomias homem-mulher/masculino-feminino/heterossexual-homossexual/monogâmico-adúltero como uma *mésalliance*. Já a queda das barreiras hierárquicas e sociais (e por que não sexuais?), características do *livre contato familiar*, permite que um casal heterossexual libere seus desejos ocultos (*excentricidades*), não apenas através da troca de papéis de gênero mas também do exercício de uma bissexualidade. Finalmente, o desprendimento dos compromissos do casamento, das convenções de gênero, e da heterossexualidade compulsóriaⁱⁱⁱ seriam considerados como *profanações*, indecências carnavalescas relacionadas com a força produtora da terra, do corpo e do desejo. Neste exemplo, a paródia carnavalesca atinge todos os elementos da imagem. Tanto o casamento, como o homem e a mulher, o homossexual e o heterossexual são parodiados.

O cartum de número 1 traduz com muita propriedade um dos objetivos do jornal: a desestabilização de categorias fechadas, sejam elas quais forem. Assim, ao discutir sexualidade e políticas do corpo, o *Lampião* não criticava apenas a heteronormatividade, mas toda forma de normatividade, inclusive dentro da homossexualidade. A ideologia defendida

pelo jornal era o embate político através da transgressão. Procurava implodir todas as categorias de sexualidade e expor a fragilidade da hegemonia do pensamento machista, racista e heterossexista. As opiniões difundidas em suas páginas não lutavam pela conquista do poder, mas pelo esfacelamento deste. As lutas desta natureza, não tratam de reformismo, uma vez que o papel do reformismo é estabilizar um sistema de poder ao final de algumas mudanças. Nestas lutas, o objetivo é a completa desestabilização dos mecanismos de poder, de uma desestabilização aparentemente sem fim (FOUCAULT, 2004, p.51).

Mas além das quatro categorias carnavalescas citadas, Bakhtin afirma que há uma ação carnavalesca principal, e na qual se manifestam todas as categorias: a *coroação bufa* e o *posterior destronamento do rei do carnaval*. É no ritual de coroação-destronamento em que reside o núcleo da cosmovisão carnavalesca: "a ênfase das mudanças e transformações, da morte e da renovação. O carnaval é a festa do tempo que tudo destrói e tudo renova" (BAKHTIN, 1981, p.107).

Bakhtin explica que se inaugura o mundo carnavalesco a partir da coroação de um escravo ou bobo (antípoda do rei) que será posteriormente destronado e ridicularizado. É um ato biunívoco, pois na coroação está contida a certeza do futuro destronamento e eles não podem ser separados. O riso carnavalesco assume aspectos da díade carnavalização-destronamento, uma vez que esse é o riso do mundo às avessas, que

[...] está dirigido contra o supremo; para a mudança dos poderes e verdades, para a mudança da ordem mundial. O riso abrange os dois pólos da mudança, pertence ao processo propriamente dito de mudança, à própria *crise*. No ato do riso carnavalesco combinam-se a morte e o renascimento, a negação (a ridicularização) e a afirmação (o riso de júbilo). É um riso profundamente universal e assentado numa concepção do mundo. É essa a especificidade do riso carnavalesco ambivalente (BAKHTIN, 1981, p.107).

Todas as vezes que tivermos uma paródia, teremos então o duplo-destronante, e consequentemente o riso carnavalesco. O ato de coroação e destronamento talvez fique mais explícito em charge que contenham a representação das personalidades políticas que proferiram o discurso reproduzido na charge. No *Lampião* a caracterização de personagens políticos é inexistente em virtude das proibições dos órgãos censores, no entanto em muitas charges é possível identificar o enunciador de determinados discursos, seja através do intertexto, seja através do conhecimento do contexto histórico em que o Brasil passava sob os regimentos da ditadura militar. Na charge 1, quem é coroado e destronado é o Curador de menores, enquanto na charge 2, esse papel não é restrito a um personagem, mas a todos os

conservadores que acreditavam que a prisão cautelar fosse um instrumento positivo a ser implementado no país.

Se Bakhtin afirma que o riso carnavalesco está voltado contra o supremo, para a mudança da ordem do mundo, e se a charge assimila a dinâmica da carnavalização, então só podemos concluir que a charge é um instrumento de crítica dos poderosos, dos que governam de forma opressora e utilizam desse poder para exercer violência física e simbólica. A charge emerge, portanto, como uma linguagem subversora que busca esclarecer os fatos, denunciar abusos, e incentivar seus leitores a se mobilizarem em favor de uma nova ordem. Mesmo que essa mobilização seja apenas discursiva, o intuito da charge é sensibilizar de alguma forma o seu leitor a respeito dos fatos políticos através do emprego da ironia.

Na charge de número 3, que ilustra a capa da edição 28 sob o título "Em agosto foi assim: crioulo não é gente, bicha e mulher tem mais é que morrer", temos um exemplo de humor gráfico que condensa múltiplas informações e busca, através da ironia, denunciar a violência e o preconceito com que sofrem alguns setores da sociedade.



Charge 3 - *Lampião da Esquina*, out. 1980. n.28, p.1.

Esta charge relaciona-se intertextualmente com diversas reportagens publicadas na edição, em números anteriores, e com o momento político que o Brasil vivia com destaque

para a ocorrência do Recenseamento Nacional realizado pelo IBGE a cada dez anos. Este último dado, que vem identificado na parte inferior da charge, não sabemos se faz parte da charge ou se foi acrescentado posteriormente (já que se encontra fora do quadro da ilustração) para localizar o leitor sobre a situação em que se passa o diálogo.

Na charge, a mulher negra (referência a reportagem "Lecy Brandão vai a luta contra o racismo" e "Mulheres assassinadas: a história de sempre") relata ao recenseador (branco) como a população de baixa renda e negra, sofrem ainda mais com a violência e o preconceito. A mulher, que vive em uma favela, denuncia vários problemas como a miserabilidade e a subnutrição, a homofobia que coage e leva a morte, a violência policial e o abuso de autoridade. Todos estes problemas perfazem a sociedade (e são temas atuais até o presente), no entanto, as pessoas que ainda não contam com a proteção do capital sofrem uma estigmatização^{iv} ainda maior.

Por fim, temos o marido que abandona a casa para correr atrás do Papa cobrando o milagre brasileiro. A referência ao Papa mantém intertextualidade com as duas últimas edições que possuem reportagens sobre a vinda do João Paulo II ao Brasil, sendo que a edição de número 26 trás duras críticas a Igreja Católica (com a polêmica capa que exhibe um Cristo homossexual pregado na cruz).

Nesta charge não temos humor, mas sim ironia na forma de uma crítica ácida aos problemas sofridos pelos brasileiros de baixa renda, à dizimação desta população, e a esperança infundada de que a visita do Papa, ou o milagre econômico resolveriam a situação desse contingente populacional. A ironia presente está, sem dúvidas, voltada contra o supremo e contra os poderosos (classe alta, políticos, religiosos), buscando através da denúncia, romper com as aparências e revelar a verdade: pessoas estão morrendo por causa da fome, da miséria, da violência, e do preconceito. E através desta revelação, tenta direcionar esforços para mobilizar as pessoas em torno de uma mudança na ordem, da subversão.

4 Considerações finais

Após a análise do jornal *Lampião da Esquina*, foi possível perceber que para ampliar a dimensão subversiva do jornal os editores apostaram não apenas em conteúdos polêmicos, mas em formas de representação igualmente suscitadoras de discussões. Tanto o texto verbal

quanto não-verbal do *Lampião* esbanjavam uma criatividade ousada no intuito de transmitir ao leitor uma sensação de pluralidade, de excentricidade, de exagero e de escândalo.

No que se refere ao conteúdo de humor gráfico, tanto a charge quanto o cartum são gêneros presentes no jornal. Devemos ainda observar que a caricatura e a história em quadrinhos também são presentes no jornal, mas de forma bastante pontual. No caso específico das caricaturas, as duas que aparecem (Carmem Miranda e Fernando Pessoa) não estão presentes nas charges ou nos cartuns, mas isoladas. As caricaturas muito provavelmente não são aproveitadas no jornal em virtude forte pressão dos órgãos de censura da ditadura.

O conteúdo analisado nos mostra que as discussões trazidas no corpo escrito do periódico também transpareciam em suas charges e cartuns. As charges, enquanto modalidade de humor gráfico relacionada a um contexto específico, traziam referências a acontecimentos políticos da época, principalmente com relação a violência exercida pela polícia, e o clima de ameaça a que a população, sobretudo a mais pobre, negros e homossexuais, estavam habituados a conviver. No entanto, nunca faziam menção direta a personagens políticos da ditadura militar, uma vez que esta atitude não seria permitida pelos censores e traria muitos problemas para o conselho editorial. Outro fator que dificultava a crítica a situações muito pontuais era o fato do jornal ser de periodicidade mensal, e em 30 dias as notícias passam a ser obsoletas. Daí a intertextualidade se constituir um elemento tão forte nas charges do jornal, sendo o elemento que vai direcionar o leitor para o seu entendimento.

Do outro lado, os cartuns, que possuem uma inclinação à crítica de costumes e comportamentos, eram publicados no *Lampião* com o intuito de problematizar questões de violência de gênero e sexualidade. Os costumes também são questões inseridas em uma temporalidade, porém o seu período de manifestação é tão extenso que eles se perdem ao longo do tempo. Como exemplo, percebemos que as críticas voltadas à violência contra a mulher e contra homossexuais não se desatualizaram, e continuam sendo debatidas com muita ênfase na contemporaneidade.

Concluimos, desta forma, que no humor gráfico do *Lampião* estão representadas diversas das preocupações expressas pelos jornalistas deste periódico em suas reportagens. De forma geral (ainda que não obrigatoriamente), enquanto as charges se ocupavam dos temas políticos mais recentes, os cartuns focavam o comportamento engessado e preconceituoso. Porém, em ambos os casos, a motivação para a publicação do humor gráfico era o mesmo: levantar questionamentos sobre problemas vigentes na sociedade naquele contexto histórico e problematizá-los através do emprego do humor e da ironia. A intenção era que a realidade

exposta por estes exemplos de humor gráfico levasse os leitores à indignação e à manifestação de acordo com as análises e posicionamentos políticos do jornal.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-univeristária, 1981.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana; FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: Em torno de Bakhtin Mikhail*. Editora da Universidade de São Paulo, 1994. (Ensaio de Cultura, 7).

FACCHINI, Regina & SIMÕES, Júlio. *Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana; FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: Em torno de Bakhtin Mikhail*. Editora da Universidade de São Paulo, 1994. (Ensaio de Cultura, 7).

FOUCAULT, Michel. “A Filosofia Analítica da Política”. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política*. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro: Esquina, 1978-1981, n.21, 26, 27, 28, 29, 35.

MIANI, Rozinaldo. Charge: uma prática discursiva e ideológica. *Nona arte: Revista brasileira de pesquisas em histórias em quadrinhos*. São Paulo, v.1, n.1, p.37-48, 1 sem. 2012. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/3>>. Acesso em 08 abr. 2013.

RIANI, Camilo. *Linguagem & cartum... tá rindo do quê? Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia - um estudo de charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

SILVA, Aguinaldo. O Governo diz que não. Mas vem aí a prisão cautelar. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, fev. 1980a. n.21, p.8.

SILVA, Aguinaldo. Quem salvará nossas crianças? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, out. 1980b. n.29, p.3.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade)*. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ⁱ Embora o senso comum faça referência ao movimento homossexual, sabemos que este movimento foi composto historicamente desde suas primeiras organizações através dos esforços conjuntos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. No entanto, por uma questão de maior visibilidade e autonomia da população masculina dentro deste grupo, estes primeiros movimentos são frequentemente referidos nas bibliografias disponíveis e na mídia como movimento homossexual (ou *gay*). Esta nomenclatura começa a se alterar a partir das primeiras organizações não-governamentais e da estruturação de políticas identitárias na década de 90.

ⁱⁱ Cicilia Peruzzo (1998, p.120), considera a imprensa nanica como um outro termo para referir-se à imprensa alternativa, conhecida como os periódicos que ofereciam uma opção de leitura crítica em relação aos veículos midiáticos da grande imprensa. São exemplos de nanicos: *Posição*, *Movimento*, *Pasquim*, *Coojornal*, *Versus*, *Extra*. Para mais informações ver: PERUZZO, Cicilia. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ⁱⁱⁱ Termo popularizado na década de 80 por Adrienne Rich em seu ensaio "Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica". Diz respeito à visão que se tem da heterossexualidade como uma inclinação natural ou obrigatória e, conseqüentemente, tudo o que se difere desta norma é considerado desviante ou anormal. Para mais informações ver: RICH, Adrienne. *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*. v.5, n.4, 1980. Tradução disponível em: < http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf>.

^{iv} O "estigma" deve ser entendido como sendo uma manifestação processual, contextual, histórica, empregado estrategicamente a favor do poder, (re)produzindo relações e desigualdades sociais. Ver: PARKER, Richard & AGGLETON, Peter. *Estigma, discriminação e AIDS*. Tradução de Cláudia Pinheiro. Rio de Janeiro: ABIA, Coleção ABIA – Cidadania e direitos, v.1, 2001.